

NORA ROBERTS

TERRA DE SONHOS



*Para o meu próprio círculo, família e amigos*



*Os acontecimentos futuros são precedidos pelas suas sombras.*

— THOMAS CAMPBELL

*O ornamento de uma casa*

*São os amigos que a frequentam.*

— RALPH WALDO EMERSON





*Outono, 1268*

**A** névoa erguia-se da água em espiral, como se fosse bafo, enquanto Eamon remava o pequeno barco. O Sol derramava uma luz fria e clara, acordando do seu descanso noturno e despertando os pássaros para o seu coro matinal. Ele ouviu o galo cantar, tão ativo e importante, e os balidos das ovelhas que pastavam nos campos verdejantes.

Todos eles sons familiares, sons que o haviam cumprimentado todas as manhãs no decorrer dos últimos cinco anos.

Mas aquele não era o seu lugar. Por mais acolhedor que fosse, por mais familiar, nunca seria a sua casa.

E como ele desejava a sua casa! As saudades que sentia eram tantas que lhe doíam os ossos como os de um velho em tempo húmido, lhe sangrava o coração como o de um amante desprezado.

E sob aquele desejo, aquela dor, aquela saudade

dilacerante, morava uma raiva latente capaz de aflorar e lhe queimar a garganta como a sede.

Um das noites sonhava com a sua casa, com a cabana na grande floresta onde ele conhecia cada árvore, cada curva do caminho. E havia noites em que os sonhos eram tão reais como a vida e ele conseguia sentir o cheiro da turfa a arder na lareira, o doce aroma a lavanda que a mãe tecia na roupa para um bom descanso e bons sonhos.

Conseguia ouvir a voz dela, o seu canto suave que vinha de baixo do sótão, onde ela preparava as suas poções e infusões.

A Bruxa das Trevas, assim havia sido tratada — com respeito — pois havia sido poderosa e forte. E amável e boa. Por isso, algumas noites em que sonhava com o lar, em que ouvia a mãe a cantar abaixo do sótão, ele acordava de lágrimas no rosto.

Mas apressava-se a secá-las. Agora era um homem, já tinha dez anos, era chefe de família como o pai havia sido antes dele.

As lágrimas eram para as mulheres.

E tinha de olhar pela irmã, não tinha?, lembrou a si mesmo, pousando os remos, deixando o barco deslizar suavemente enquanto lançava a sua linha. Brannaugh podia ser a mais velha, mas ele era o homem da família. Ele jurara protegê-la e a Teagan, e assim faria. Herdara a espada do avô e usá-la-ia quando chegasse a hora.

Essa hora chegaria.

Pois havia outros sonhos, sonhos que traziam medo em vez de dor. Sonhos com Cabhan, o feiticeiro negro. Esses sonhos formavam-lhe bolas gélidas de medo no estômago que congelavam até a raiva latente. Um medo que fazia o menino dentro de si querer gritar pela mãe.

Mas ele não podia dar-se ao luxo de sentir medo. A mãe já não estava, sacrificara-se para o salvar e salvar as suas irmãs, apenas algumas horas depois de Cabhan ter matado o seu pai.

Ele já mal conseguia visualizar o pai na sua mente e precisava frequentemente da ajuda do fogo para encontrar essa imagem — o alto e orgulhoso Daithi, o *cennfine*, com os seus cabelos brilhantes e riso fácil. Mas bastava-lhe fechar os olhos para ver a mãe, pálida como uma moribunda, parada diante da cabana na floresta, naquela manhã nebulosa, enquanto ele fugia com as irmãs; o coração dominado pela dor, o sangue incandescente com um novo poder.

Desde aquela manhã que ele já não era um menino, mas sim um dos três, uma bruxa das trevas, obrigado, por sangue e juramento, a destruir aquilo que nem a mãe fora capaz de destruir.

Parte de si queria apenas começar, acabar com aquela estadia em Galway, na quinta da prima, onde o galo cantava de manhã e as ovelhas baliavam nos campos. O homem e a bruxa dentro de si ansiavam pelo passar do tempo, pela força necessária para brandir a espada do avô sem que o braço lhe tremesse devido ao peso e pela hora em que pudesse abraçar totalmente os seus poderes e praticar a magia que era sua por herança e por direito. A hora em que derramaria sobre a terra o sangue negro e corrosivo de Cabhan.

Ainda assim, nos sonhos ele era apenas um menino, inexperiente e fraco, perseguido pelo lobo em que Cabhan se transformava, o lobo com a pedra vermelha do seu poder negro a cintilar-lhe no pescoço. E era o seu próprio sangue, e o das irmãs, que se derramava, quente e vermelho, sobre o solo.

Nas manhãs que se seguiam aos piores sonhos, ele ia para o rio, num barco a remos, para pescar, para estar sozinho,

embora na maioria dos dias sentisse a falta da companhia da casa, das vozes, do cheiro dos cozinhados.

Mas depois dos sonhos sanguinários, ele precisava de se afastar — e ninguém o repreendia por não ajudar na ordenha, na limpeza ou na alimentação dos animais naquelas manhãs.

E ali estava ele sentado no barco — um rapaz magro, de dez anos, com uma juba de cabelo castanho ainda desgrenhado do sono, os intensos olhos azuis do pai e o poder luminoso e estimulante da mãe.

Ouvia o dia a despertar ao seu redor enquanto esperava pacientemente que o peixe mordesse o isco e comia o bolo de aveia que roubara da cozinha da prima.

E podia assim reencontrar-se.

O rio, o sossego e o embalo suave do barco fizeram-no recordar do último dia verdadeiramente feliz que passara junto da mãe e das irmãs.

A mãe estivera com bom ar, depois da palidez e da tensão que havia manifestado durante o longo e gélido inverno. Todos eles contavam os dias que faltavam para o Beltane e o regresso do pai. Na altura, Eamon julgara que se sentariam em torno da fogueira a comer bolos e a beber chá adoçado com mel, a ouvirem as histórias do pai sobre os ataques surpresa e a caça.

Festejariam, assim julgara ele, e a mãe ficaria bem outra vez.

Assim acreditara ele, naquele dia no rio, em que haviam pescado e rido, enquanto aguardavam ansiosamente a chegada do pai a casa.

Mas ele nunca chegaria, pois Cabhan usara a sua magia negra para matar Daithi, o bravo. E matara também Sorcha, a Bruxa das Trevas, apesar de ela o ter reduzido a cinzas. Matara-a e, de algum modo, ainda existia.

Eamon sabia-o através dos sonhos, do arrepio que sentia na espinha. Via a veracidade nos olhos das irmãs.

Mas ele tinha aquele dia, aquele luminoso dia de primavera no rio, para recordar. No momento em que o peixe mordeu o isco, a sua mente viajou ao passado e ele viu-se com cinco anos de idade a puxar um peixe brilhante do rio escuro.

E sentiu o mesmo orgulho que sentira nesse momento.

— Ailish vai ficar contente.

A mãe sorri-lhe quando ele deslizou o peixe para dentro do balde de água para o manter fresco.

A sua enorme saudade trouxe-a de volta para lhe dar conforto. Ele prendeu outro isco no anzol. O sol começava a aquecer e a dispersar os rolos de névoa.

«Vamos precisar de mais do que um», dissera a mãe naquele dia longínquo. «Então vais apanhar mais do que um.»

— Preferia apanhar mais do que um no meu próprio rio.

— Um dia fá-lo-ás. Um dia, *mo chroi*, regressarás a casa. Um dia os teus descendentes pescarão no nosso rio e passearão pela nossa floresta. Prometo-te.

As lágrimas ameaçavam brotar e turvaram-lhe a visão, por isso ela começou a oscilar diante dos olhos dele. Ele controlou-as, pois queria vê-la com nitidez; o cabelo escuro que ela deixava cair solto até à cintura, os olhos escuros onde morava o amor e o poder que resplandecia dela. Até naquele momento, apenas uma visão, ele conseguia sentir o seu poder.

— Porque não conseguiste destruí-lo, mãe? Porque não pudeste viver?

— Porque não estava assim destinado. Meu amor, meu menino, meu coração, se eu pudesse ter-te poupado e às tuas irmãs, teria dado mais do que a minha vida.

— Tu deste mais. Deste-nos o teu poder, praticamente todo. Se o tivesses guardado...

— Era a minha hora e era o teu legado. Estou contente com isso, também to prometo. — Ela brilhava no meio da névoa rarefeita, o seu corpo delineado a prata. — Estou sempre dentro de ti, Eamon, o Leal. Estou no teu sangue, no teu coração, na tua mente. Tu não estás sozinho.

— Sinto a tua falta.

Eamon sentiu os lábios dela na sua face, o seu calor, o seu cheiro envolvendo-o. E, nesse momento, apenas nesse momento, permitiu-se ser criança outra vez.

— Eu quero ser valente e forte. E serei, juro. Protegerei Brannaugh e Teagan.

— Vocês proteger-se-ão uns aos outros. Vocês são os três. Juntos são mais poderosos do que eu alguma vez fui.

— Conseguirei matá-lo? — perguntou Eamon, pois era o seu desejo mais profundo e sombrio. — Acabarei com ele de vez?

— Não sei; sei apenas que ele nunca conseguirá tomar o que és. O que és e o que tens só pode ser dado, como eu te dei. Ele carrega a minha maldição e a marca dela. Todos os que descenderem dele carregá-la-ão, tal como todos os que descenderem de ti carregarão a luz. O meu sangue, Eamon. — Sorcha virou as palmas das mãos para cima, mostrando-lhe um delgado fio de sangue. — E o teu.

Eamon sentiu a dor rápida e viu a ferida na sua palma. E uniu-a à da mãe.

— O sangue dos três, nascidos de Sorcha, derrubá-lo-á, nem que demore mil anos. Confia no que és. É o que basta. — Beijou-o novamente e tornou a sorrir. — Tens mais do que um.

O puxão na linha arrancou-o da visão.

Então tinha mais do que um.

Seria valente, pensou ele enquanto puxava o peixe,

agitado, para fora do rio. Seria forte. E, um dia, seria suficientemente forte.

Olhou atentamente para a mão, que já não apresentava qualquer marca. Mas ele compreendia; carregava o sangue e o dom da mãe. Um dia passaria ambos aos seus filhos e filhas. Se não fosse ele a destruir Cabhan, seria um dos seus.

Mas, por tudo o que era mais sagrado, esperava que fosse ele.

Por agora, pescaria. Era bom ser homem, pensou; para caçar e pescar, para providenciar o sustento da casa. Para pagar aos primos pela hospedagem e pelo cuidado.

Aprendera a ser paciente desde que se tornara homem... e apanhou quatro peixes antes de remar de volta à margem. Prendeu o barco e amarrou os peixes com uma linha.

Deteve-se, por um momento, a contemplar a água, o seu brilho sob o sol intenso. Pensou na mãe, no som da sua voz, no perfume dos seus cabelos. Guardaria para sempre as suas palavras.

Regressaria através da pequena floresta. Não era grande, como a de casa, mas era uma bela floresta, disse a si mesmo.

Levaria o peixe a Ailish e beberia um chá junto da lareira. Depois ajudaria no resto da colheita.

Quando iniciava o caminho de regresso à pequena quinta, ouviu um grito agudo. Sorrindo para si mesmo, enfiou a mão na sua sacola e retirou a luva de cabedal. Bastou-lhe calçá-la, levantar o braço e *Roibeard* desceu abruptamente das nuvens, de asas abertas para pousar.

— Bom-dia! — Eamon fitou os olhos dourados e sentiu a ligação com o seu falcão; seu guia e seu amigo. Tocou no amuleto encantado que trazia ao pescoço, que a mãe conjurara, com magia de sangue, para sua proteção. O amuleto tinha em si a imagem de um falcão. — Está um belo dia,

não está? Luminoso e fresco. A colheita está quase concluída e em breve teremos a nossa celebração — continuou ele, caminhando com o falcão no braço. — Sabes, o equinócio; quando a noite conquista o dia como Gronw Pebr conquistou Llew Llaw Gyffes. Celebraremos o nascimento de Mabon, filho de Mordon, guardião da terra. Decerto haverá bolinhos de mel. Assegurarei que comas um bocadinho. — O falcão esfregou a cabeça na face de Eamon, carinhoso como um gatinho. — Sonhei outra vez com Cabhan, com a nossa casa e com a mãe, depois de ela nos ter dado quase todo o seu poder e de nos ter mandado embora para um lugar seguro. Eu vi, *Roibeard*. Vi-a a envenená-lo com um beijo, a arder em chamas quando apelava a todo o seu poder para o destruir. Ele tirou-lhe a vida, e ainda assim... Eu vi movimento no monte de cinzas em que ela o transformou. Vi algo demoníaco e o brilho vermelho do poder dele.

Eamon calou-se por uns instantes, reuniu o seu poder e abriu-se a ele. Sentiu o bater do coração de um coelho que corria para dentro do mato, a fome de um passarinho que esperava que a mãe lhe desse o pequeno-almoço.

Sentiu as irmãs, as ovelhas, os cavalos.

E nenhuma ameaça.

— Ele não nos encontrou. Eu sentiria. Tu verias e dir-me-ias. Mas ele observa, persegue e aguarda, pois sinto isso também.

Os intensos olhos azuis escureceram; a boca macia do menino adquiriu a firmeza da boca de um homem. — Não me esconderei para sempre. Juro pelo sangue de Daithi e Sorcha, que um dia serei eu a persegui-lo.

Eamon levantou uma mão, agarrou num punhado de ar, fê-lo girar e lançou-o, suavemente, em direção a uma árvore.

Os ramos tremeram e os pássaros empoleiradas levantaram voo.

— Vou ficar mais forte, não vou? — murmurou, e seguiu para a quinta para aprazer Ailish com quatro peixes.

**B**rannaugh cumpria com as suas tarefas como fazia todos os dias. Havia cinco anos que fazia sempre o que lhe era pedido. Ela cozinhava, limpava e cuidava dos mais pequenos, já que Ailish parecia ter sempre um bebé ao peito, ou na barriga. Ajudava a semear os campos e cuidava das culturas. Ajudava na colheita.

Trabalho útil e honesto, claro, e, a seu modo, satisfatório. Não havia ninguém mais amável que a prima Ailish e o marido. Boas pessoas, gente da terra, que haviam oferecido mais do que um abrigo a três crianças órfãs.

Haviam-lhes oferecido uma família e não havia dádiva mais preciosa.

E a mãe estivera ciente disso. De contrário, não teria enviado os seus três filhos para casa de Ailish. Nem na sua hora mais negra, Sorcha entregaria os filhos a alguém que não fosse amável e afetuoso.

Mas, aos doze anos, Brannaugh já não era uma criança. E o que crescia dentro dela, que se espalhava pelo seu corpo, que despertava no seu interior — mais intensamente desde que lhe surgira a menstruação, no ano anterior — era exigente.

Conter tanto dentro de si e desviar o olhar daquela luz ofuscante revelava-se cada dia mais difícil e penoso. Mas ela devia respeito a Ailish, e a prima tinha medo de magia e do poder... inclusive do seu.

Brannaugh fizera o que a mãe lhe pedira naquela terrível manhã. Levava o irmão e a irmã para sul, para longe da sua

casa em Mayo. Mantivera-se afastada da estrada; encerrara o sofrimento dentro do seu coração, onde só ela podia ouvir os seus lamentos.

E nesse coração morava também a necessidade de vingança, a necessidade de abraçar o poder dentro de si e de aprender mais, de aprender e praticar o suficiente para derrotar Cabhan de uma vez por todas.

Mas Ailish queria apenas o seu homem, os seus filhos, a sua quinta. E porque não? Ela tinha o direito à sua casa e à sua vida na sua terra; tinha direito a essa tranquilidade. Não a pusera em risco ao acolher os filhos de Sorcha? Ao acolher o que Cabhan cobiçava e perseguia?

A prima merecia gratidão, lealdade e respeito.

Mas o que residia dentro de Brannaugh ansiava por libertação. Era preciso fazer escolhas.

Ela vira o irmão regressar do rio com os seus peixes e o seu falcão. Sentira-o testar o poder longe da quinta, como acontecia frequentemente. Como também Teagan, sua irmã, fazia com frequência. Ailish, que conversava animadamente sobre as geleias que fariam naquele dia, não sentia nada. A prima bloqueava quase todos os seus poderes — algo desconcertante para Brannaugh — e permitia-se usar apenas um bocadinho para adoçar geleias ou convencer as galinhas a porrem ovos maiores.

Brannaugh dizia a si mesma que valia a pena o sacrifício; a espera para descobrir mais, aprender mais, ser mais. O irmão e a irmã estavam a salvo ali, como a mãe desejara. Teagan, cujo sofrimento havia sido incalculável durante dias, semanas, agora ria e brincava. Cumpria alegremente as suas tarefas, cuidando dos animais e montando como uma guerreira o seu grande cavalo cinzento, *Alastar*.

Talvez alguma noite chorasse durante o sono, mas

Brannaugh precisava apenas de a abraçar para que se acalmasse.

Exceto quando os sonhos eram com Cabhan. Esses sonhos assaltavam Teagan, Eamon e a si mesma. Agora com maior frequência e maior nitidez. Tão nítidos que Brannaugh começara a ouvir o eco da sua voz depois de acordar.

Era preciso fazer escolhas. Aquela espera e aquele refúgio podiam ter de acabar, de uma maneira ou de outra.

Quando a noite chegou, ela esfregou batatas recém-colhidas da terra. Mexeu o guisado que fervilhava lentamente ao lume enquanto batia com o pé acompanhando a música que o marido da prima fazia com a sua pequena harpa.

A modesta casa, quente e acolhedora, era um lugar feliz cheio de bons aromas, vozes alegres e o riso de Ailish ao apoiar o filho mais novo sobre a anca para uma dança.

Família, pensou ela outra vez. Bem alimentada, bem cuidada numa casa quente e acolhedora, com ervas a secar na cozinha e bebês de faces rosadas.

Devia ser suficiente para si... como desejava que assim fosse.

Cruzou o olhar com o de Eamon, do mesmo azul intenso do do pai, e sentiu o poder do irmão a perscrutá-la. Eamon via demasiado, pensou. Veria demasiado se ela se esquecesse de o bloquear.

Ela respondeu-lhe com o seu; um pequeno aviso para que se metesse na sua própria vida. Como qualquer irmã, sorriu quando o viu estremecer.

Depois do jantar havia que lavar panelas e deitar as crianças. Mabh, a mais velha com sete anos, queixou-se, como sempre, que não tinha sono. Seamus aconchegou-se imediatamente, pronto com o seu sorriso sonhador. Os gémeos, que ela ajudara a trazer ao mundo, conversavam um com o outro

como pegas. A pequena Brighid enfiou o polegar na boca e o bebé adormeceu antes de a mãe o deitar.

Brannaugh perguntou-se se Ailish saberia que tanto ela como o bebé, com o seu lindo rosto angelical, não existiriam se não fosse a magia. O nascimento — tão doloroso, tão complicado — teria ditado a morte de ambos se não fosse o poder de Brannaugh; a cura, a visão, o esforço.

Embora nunca tocassem no assunto, ela estava convencida de que Ailish sabia.

Ailish endireitou-se; uma mão nas costas e a outra sobre o bebé que carregava no ventre. — E uma boa noite e sonhos felizes para todos. Brannaugh, acompanhas-me num chá? Sabia-me bem um dos teus chás relaxantes, pois este hoje está com a energia toda.

— Claro, vou prepará-lo. — E adicionaria o encantamento, como sempre fazia, para que a prima tivesse saúde e um parto fácil. — Esse é bastante saudável e desconfio que dará tanto trabalho sozinho como os gémeos juntos.

— É de certeza um menino — disse Ailish quando desciam do sótão onde dormiam. — Consigo sentir. Nunca me enganei.

— Nem estás enganada agora. Precisas de descansar mais, prima.

— Uma mulher com seis filhos, e outro a caminho, não consegue descansar grande coisa. Eu estou bem. — Fixou o olhar no de Brannaugh em busca de confirmação.

— Claro que sim, mas, de qualquer maneira, fazia-te bem descansar mais.

— És uma grande ajuda e um grande conforto para mim, Brannaugh.

— Assim espero. — *Passa-se alguma coisa*, pensou Brannaugh enquanto preparava o chá. Conseguia sentir

os nervos da prima, pois agitavam os seus. — Agora que a colheita está concluída, podias dedicar-te à costura. É algo necessário e repousante para ti. Eu posso tratar da comida. Teagan e Mabh podem dar-me uma ajuda e, para dizer a verdade, Mabh é já uma ótima cozinheira.

— Sim, claro que é. Estou tão orgulhosa dela.

— Com as meninas a tratarem da comida, Eamon e eu podemos ajudar o tio nas caçadas. Sei que preferias que eu não pegasse no arco, mas não será sensato cada um fazer o que sabe fazer bem?

Ailish desviou o olhar por instantes.

*Sim, pensou Brannaugh, ela sabe e, mais do que isso, sente o peso de nos pedir para não sermos o que somos.*

— Eu amava a tua mãe.

— Oh, e ela a ti.

— Vimo-nos pouco nos últimos anos. Mas ela enviava-me mensagens à sua maneira. Na noite em que a Mabh nasceu, a mantinha que a minha menina ainda abraça enquanto dorme, estava lá, no berço que Bardan construiu para ela.

— Ela falava de ti com amor.

— Ela enviou-vos para mim. Tu, Eamon e Teagan. Apareceu-me num sonho e pediu-me que vos desse um lar.

— Nunca me tinhas dito — murmurou Brannaugh; levou o chá à prima e sentou-se com ela junto à fogueira de turfa.

— Ela fez-me este pedido dois dias antes da vossa chegada.

Com as mãos entrelaçadas sobre o colo, por cima de saias tão cinzentas como os seus olhos, Brannaugh fitou o fogo. — Nós demorámos oito a chegar aqui. Foi o seu espírito que viste. Quem me dera poder vê-la outra vez, mas só consigo em sonhos.

— Ela está contigo. Vejo-a em ti. Em Eamon e em Teagan, mas, principalmente, em ti. A sua força e beleza. O amor

incondicional pela família. Já estás na idade, Brannaugh. Estás na idade de começar a pensar em construir uma família.

— Eu tenho uma família.

— Uma família tua, como fez a tua mãe. Uma casa, querida; um homem que trabalhe a terra, filhos teus. — Bebericou o chá enquanto Brannaugh permanecia em silêncio. — Fial é um bom homem. Foi bom para a mulher enquanto ela foi viva, posso garantir-te. Ele precisa de uma esposa, de uma mãe para os seus filhos. Ele tem uma ótima casa, muito maior que a nossa. Estaria disposto a oferecer um dote por ti e abriria as portas de sua casa a Eamon e a Teagan.

— Como poderia eu casar-me com Fial? Ele é... — «Velho» foi o seu primeiro pensamento, mas logo se apercebeu de que não seria mais velho que Bardan.

— Dar-te-ia uma boa vida, daria uma boa vida ao teu irmão e à tua irmã. — Ailish pegou na sua costura para ocupar as mãos. — Eu nunca te falaria nisto se acreditasse que ele não te trataria com amabilidade, sempre. Ele é bonito, Brannaugh, e tem bons modos. Estarias disposta a passear com ele?

— Eu... Prima, eu não vejo Fial dessa maneira.

— Pode ser que, depois de passeares com ele, comeces a ver. — Ailish sorriu para si mesma, como se soubesse um segredo. — Uma mulher precisa de um homem que a sustente, que a proteja, que lhe dê filhos. Um homem amável, com uma boa casa, um rosto agradável...

— Casaste-te com Bardan por ele ser amável?

— Não me teria casado se não fosse. Pensa nisso. Dir-lhe-emos que só vamos falar contigo depois do equinócio. Pensa. Farás isso?

— Farei.

Brannaugh levantou-se. — Ele sabe o que eu sou?

Ailish baixou os olhos cansados. — És a filha mais velha da minha prima.

— Ele sabe o que eu sou, Ailish? — O que guardava no seu interior, o que reprimia, agitou-se então. O orgulho despertou-o. E a luz que lhe envolveu o rosto não vinha apenas das faúlhas do fogo. — Sou a filha mais velha da Bruxa das Trevas de Mayo. E, antes de sacrificar a sua vida, ela sacrificou o seu poder, passando-o a mim, a Eamon e a Teagan. Nós somos os três. Somos bruxas das trevas.

— És uma criança...

— Uma criança quando falas de magia, de poder. Mas uma mulher quando falas de casamento com Fial.

A verdade daquelas palavras fez ruborizar as faces de Ailish. — Brannaugh, meu amor, não foste feliz aqui nestes últimos anos?

— Sim. E sou muito grata.

— O sangue dá ao sangue sem necessidade de gratidão.

— Sim. O sangue dá ao sangue.

Ailish pôs a costura de lado e segurou nas mãos de Brannaugh. — Estarias em segurança, filha da minha prima. Não te faltaria nada. E acredito que serias amada. Que poderias querer mais?

— Eu sou mais — disse ela em voz baixa, e retirou-se para o sótão.

**M**as o sono fugiu-lhe. Brannaugh estava deitada em silêncio ao lado de Teagan, à espera que os sussurros entre Ailish e Bardan cessassem. Estariam certamente a falar sobre o casamento; aquele bom e sensato casamento. Convencer-se-iam de que a sua relutância se devia apenas aos nervos de menina.

Bem como se haviam convencido de que ela, Eamon e Teagan eram crianças como todas as outras.

Levantou-se sem fazer barulho, calçou as botas macias e embrulhou-se no xaile. Precisava de ar. De ar, da noite, da Lua.

Desceu silenciosamente a escada do sótão e abriu a porta com cuidado.

*Kathel*, o seu cão, que dormia junto à lareira, levantou-se e, sem dúvida nem hesitação, saiu à sua frente.

Agora podia respirar; com o ar frio da noite nas faces, com o sossego serenando o caos dentro de si. Ali sentia-se livre.

Brannaugh e o seu fiel cão deslizaram como sombras para dentro do arvoredo. Ela ouvia o borbulhar do rio, o suspiro do vento por entre as árvores, sentia o cheiro da terra e o odor ao fumo de turfa que se elevava da chaminé da casa.

Podia formar o círculo, tentar invocar o espírito da mãe. Precisava da mãe naquela noite. Em cinco anos não chorara, não se permitira derramar uma única lágrima. Agora queria sentar-se no chão, pousar a cabeça no peito da mãe e chorar.

Pousou uma mão sobre o amuleto que usava — a imagem do cão que a mãe havia conjurado com amor, com magia, com sangue.

Deveria manter-se fiel ao seu sangue e ao que vivia no seu interior? Deveria abraçar as suas necessidades, desejos e paixões? Ou deveria pôr tudo isso de parte, como um brinquedo que já não se usa, e fazer o que asseguraria a segurança e o futuro do irmão e da irmã?

— Mãe, — murmurou ela, — o que devo fazer? O que queres que eu faça? Deste a tua vida por nós. Poderei fazer menos?

Brannaugh sentiu a junção dos poderes como um

entrelaçar de dedos. Virou-se e fitou as sombras. Com o coração aos pulos, pensou: *Mãe*.

Mas foi Eamon quem surgiu sob o luar, com Teagan pela mão.

A desilusão foi tão forte que não conseguiu disfarçá-la na voz: — Vocês deviam estar na cama! Que ideia foi essa de virem para a floresta de noite?

— Tu fizeste o mesmo — ripostou Eamon.

— Sou a mais velha.

— E eu sou chefe de família.

— O cacete insignificante que tens entre as pernas não faz de ti chefe de família.

Teagan soltou umas risadinhas e precipitou-se para a frente para ir abraçar a irmã. — Não fiques zangada. Estavas a precisar de nós. Apareceste no meu sonho. Estavas a chorar.

— Não estou a chorar.

— Aqui dentro. — Teagan pousou uma mão sobre o peito de Brannaugh. Os seus olhos escuros e profundos, tão semelhantes aos da mãe, perscrutaram o rosto da irmã. — Porque estás triste?

— Não estou triste. Vim cá fora para pensar. Para estar sozinha e pensar.

— Tu pensas demasiado alto — resmungou Eamon, ainda ofendido por causa do «cacete insignificante».

— E tu devias ser mais educado e não escutar os pensamentos dos outros!

— Como posso evitar, se tu os gritas?!

— Parem! Não vamos discutir. — Teagan podia ser a mais pequena dos três, mas determinação não lhe faltava. — Não vamos discutir — repetiu ela. — A Brannaugh está triste, o Eamon parece um homem sobre brasas e eu... eu sinto-me como se tivesse comido demasiados doces.

— Estás doente? — A raiva de Brannaugh dissipou-se e ela fitou os olhos de Teagan.

— Não dessa maneira. Alguma coisa está... desequilibrada. Eu sinto. E penso que vocês também sentem. Por isso não vamos discutir. Somos família. — Segurando ainda na mão de Brannaugh, Teagan alcançou a do irmão. — Diz-nos porque estás triste, irmã.

— Eu... Eu quero fazer um círculo. Quero sentir a luz dentro de mim. Quero fazer um círculo e sentar-me convosco na sua luz. Com os dois.

— Raramente o fazemos — disse Teagan. — Porque Ailish não quer que o façamos.

— E ela acolheu-nos. Devemos-lhe respeito em sua casa. Mas neste momento não estamos em sua casa e ela não precisa de saber. Preciso da luz. Preciso de falar convosco dentro do nosso círculo, onde ninguém consiga escutar.

— Eu faço-o. Estive a praticar — disse-lhe Teagan. — Quando saio com *Alastar*, pratico.

Com um suspiro, Brannaugh deslizou uma mão pelos cabelos brilhantes da irmã. — Ainda bem que o fazes. — Traça o círculo, *deirfiúr bheag*.



**B**rannaugh viu Teagan trabalhar, extraindo luz e fogo do seu interior e agradecendo à deusa enquanto forjava o círculo. Um círculo suficientemente grande para incluir *Kathel*, reparou Brannaugh divertida e com um sentimento de gratidão.

— Saíste-te bem. Eu devia ter-te ensinado mais, mas...

— Respeitaste Ailish.

— E também estavas com receio de que se usássemos demasiado o nosso poder, — interpôs Eamon, — com demasiada intensidade, ele nos encontrasse. Que ele viesse atrás de nós.

— Sim. — Brannaugh sentou-se no chão e envolveu *Kathel* com um braço. — Ela queria-nos em segurança. Desistiu de tudo por nós; do seu poder, da sua vida. Ela acreditava que iria destruí-lo e que nós ficaríamos a salvo. Ela não podia saber que o poder negro que obteve seria capaz de o trazer das cinzas.

— Mais fraco.

Brannaugh olhou para Eamon e anuiu com a cabeça. — Sim, mais fraco. Nessa altura. Ele... alimenta-se de poder, penso eu. Encontrará outros, absorverá o seu poder e ficará mais forte. Ela queria-nos em segurança. — Brannaugh inspirou. — Fial quer desposar-me.

Eamon ficou boquiaberto. — Fial? Mas ele é velho!

— Não é mais velho que Bardan.

— Velho!

Brannaugh riu-se e sentiu algum do aperto no peito abrandar. — Parece que os homens gostam de mulheres jovens, para poderem dar-lhes muitos filhos e quererem ainda deitar-se com eles e cozinhar para eles.

— Não te casarás com Fial! — disse Teagan com determinação.

— Ele é amável e não é feio. Tem uma casa e uma quinta maiores do que as de Ailish e Bardan. Receber-vos-ia em sua casa.

— Não te casarás com Fial! — repetiu Teagan. — Não o amas.

— Não procuro o amor, nem preciso dele.

— Devias... mas, mesmo que feches os olhos, ele vai encontrar-te. Já esqueceste o amor entre a nossa mãe e o nosso pai?

— Não. Mas não penso encontrar nada semelhante para mim. Talvez, um dia, tu encontres. És tão bonita e inteligente...

— Oh, encontrarei, sim. — Teagan anuiu convictamente com a cabeça. — Como tu encontrarás e o Eamon encontrará. E passaremos o que somos, o que temos, aos que vierem depois de nós. Era o desejo da nossa mãe. Ela queria que vivêssemos.

— Viveríamos, e bem, se eu me casasse com Fial. Sou a mais velha — lembrou-lhes Brannaugh. — A decisão será minha.

— Ela encarregou-me de te proteger. — Eamon cruzou os braços sobre o peito. — Proíbo que o faças!

— Não discutiremos. — Teagan agarrou com força as mãos dos irmãos. Labaredas irromperam dos dedos entrelaçados. — E ninguém cuidará de mim. Não sou nenhuma bebé, Brannaugh, tenho a mesma idade que tinhas quando fugimos de nossa casa. Não te casarás para me dar uma casa. Não negarás o que és, não ignorarás o teu poder. Não és Ailish, mas Brannaugh, filha de Sorcha e Daithi. És uma bruxa das trevas e sempre serás.

— Um dia destruí-lo-emos — jurou Eamon. — Um dia vingaremos o nosso pai, a nossa mãe e destruiremos até as cinzas em que o desfizemos. A nossa mãe disse-me que o faríamos, ou farão os nossos descendentes, nem que demore mil anos.

— Ela falou contigo?

— Esta manhã. Apareceu-me quando eu estava no rio, no meio da névoa e do silêncio. É lá que a encontro quando preciso dela.

— Ela só me aparece em sonhos. — As lágrimas que Brannaugh se recusava derramar ficaram presas na garganta.

— Tu reprimes demasiado aquilo que és. — Para a acalmar, Teagan acariciou os cabelos da irmã. — Para não contrariar Ailish, para nos proteger. Provavelmente só permites que ela te apareça em sonhos.

— Ela aparece-te? — murmurou Brannaugh. — Não apenas em sonhos?

— Às vezes, quando monto *Alastar*, quando nos embrenhamos na floresta e eu fico muito sossegada, ela aparece.

Canta para mim, como costumava fazer quando eu era pequenina. E foi a nossa mãe quem me disse que conheceremos o amor, que teremos filhos. E que, através do nosso sangue, derrotaremos Cabhan.

— Então devo casar-me com Fial para com ele conceber o filho, o descendente, que acabará definitivamente com ele?

— Não! — Minúsculas labaredas tremeluziram nas pontas dos dedos de Teagan antes de ela conseguir controlar-se. — Não existe amor. Primeiro chegará o amor, depois o filho. É desta maneira.

— Não é a única maneira.

— É a nossa. — Eamon segurou novamente na mão de Brannaugh. — Será a nossa maneira. Seremos o que nos está destinado, faremos o que nos foi incumbido. Se não tentarmos, o que eles sacrificaram por nós teria sido em vão. Teriam morrido em vão. Queres que assim seja?

— Não. Não. Eu quero matá-lo. Quero o seu sangue, a sua morte. — Em conflito interior, Brannaugh encostou o rosto ao pescoço de *Kathel* para serenar com o seu calor. — Penso que parte de mim morreria se eu virasse costas ao que sou. Mas sei que morreria por completo se uma decisão minha prejudicasse algum de vocês os dois.

— Nós decidimos, todos nós — disse Eamon. — Os três somos um. Precisávamos deste tempo. A nossa mãe enviou-nos para cá para podermos ter este tempo. Já não somos crianças. Penso que já não o éramos quando fugimos de casa naquela manhã sabendo que nunca mais veríamos a nossa mãe.

— Tínhamos poder. — Brannaugh respirou fundo e endireitou-se. Embora fosse mais novo, e ainda por cima rapaz, o irmão estava certo. — Ela deu-nos mais. Eu pedi-vos que não o usassem.

— Tiveste razão em pedir... mesmo que o despertássemos de vez em quando — acrescentou Eamon com um sorriso. — Precisávamos de um tempo aqui, mas esse tempo está a chegar ao fim. Sinto-o.

— Eu também — murmurou Brannaugh. — Por isso me perguntei se não havia chegado a hora de me casar com Fial. Mas não; vocês têm razão. Não nasci para viver numa quinta. O meu destino não é fazer pequenos truques de magia na cozinha, nem jogos de mesa. Procuraremos aqui, dentro do círculo. Procuraremos e veremos. Agora.

— Juntos? — perguntou Teagan, com o rosto iluminado de felicidade. E Brannaugh percebeu que se havia reprimido, tal como a irmã e o irmão, demasiado tempo.

— Juntos. — Brannaugh uniu as mãos em concha e invocou o seu poder. Depois, baixando-as como se fossem água a cair, conjurou o fogo.

E ao fazê-lo, ao utilizar aquela primeira habilidade aprendida, a pureza da magia fluiu pelo seu corpo. Parecia que respirava profundamente pela primeira vez em cinco anos.

— Agora tens mais — afirmou Teagan.

— Sim. O meu poder esperou. Eu esperei. Nós esperamos. Não esperaremos mais. Através das chamas e do fumo, procurá-lo-emos e veremos onde se esconde. A tua visão é maior, — disse a Eamon, — mas tem cuidado. Se ele souber que estamos a vê-lo, conseguirá ver-nos também.

— Eu sei o que faço. Podemos ir através do fogo, voar pelo ar, sobre a água e a terra, até onde ele está. — Pousou uma mão na pequena espada ao seu lado. — Podemos matá-lo.

— A tua espada não será suficiente. Apesar de todo o seu poder, a nossa mãe não conseguiu destruí-lo. Será preciso mais e nós encontraremos mais. A seu tempo. Por agora, observamos apenas.

— Podemos voar. *Alastar* e eu. Nós... — Teagan calou-se quando viu o olhar contundente de Brannaugh. — Simplesmente... um dia aconteceu.

— Somos o que somos. — Brannaugh abanou a cabeça. — Eu nunca devia ter esquecido isso. Agora, procuremos. *Através do fogo, através do fumo, com visão protegida, invocaremos. Para procurar e encontrar, os olhos de quem derramou nosso sangue cegaremos. Agora o nosso poder ergue-se numa vaga. De acordo com a nossa vontade, que assim seja e assim se faça.*

Uniram as mãos, fundindo a sua luz.

As labaredas agitaram-se; o fumo clareou.

Ali, bebendo vinho de um cálice de prata, estava Cabhan. Os cabelos escuros, caídos sobre os ombros, brilhavam à luz das velas de sebo.

Brannaugh viu paredes de pedra cobertas de ricas tapeçarias, uma cama com cortinas de veludo azul-escuro.

Estava à vontade, pensou ela. Havia encontrado conforto e riqueza; nada que a surpreendesse. Brannaugh sabia que ele usaria os seus poderes em seu proveito, para obter prazer, para matar. Para o que mais lhe conviesse.

Entrou uma mulher no quarto. Usava trajes ricos e tinha cabelos tão negros como a meia-noite. Estava enfeitada, pensou Brannaugh ao ver a expressão cega nos seus olhos.

E, contudo... havia neles algum poder, constatou Brannaugh. Um poder que lutava por libertar-se das amarras em que estava contido.

Cabhan não falou, limitou-se a agitar a mão em direção à cama. A mulher dirigiu-se para lá, despiu-se e ficou imóvel por um momento, a sua pele branca como o luar brilhando à luz das velas.

Por detrás daqueles olhos cegos, Brannaugh viu a guerra que se travava, a angustiante luta por liberdade. Por atacar.

Por um momento, a concentração de Eamon vacilou. Ele nunca havia visto uma mulher completamente nua, nem com seios tão fartos. Tal como as irmãs, também ele sentia aquele poder aprisionado — como um pássaro branco numa caixa preta. Mas toda aquela pele nua, os seios suaves e generosos, o fascinante triângulo entre as pernas... teria a mesma textura dos cabelos da cabeça? Ele queria desesperadamente tocar-lhe, apenas ali, para saber.

Cabhan levantou a cabeça como um lobo a farejar o ar. Levantou-se tão rapidamente, que o cálice de prata tombou, derramando vinho tão vermelho como o sangue.

Brannaugh torceu de forma dolorosa os dedos de Eamon. Apesar de ter gritado, e de ter ficado tão encarnado como o fogo, Eamon recuperou a concentração.

Ainda assim, por um momento, um terrível momento, os olhos de Cabhan pareceram fitar os seus.

Depois virou de novo a sua atenção para a mulher. Agarrou-lhe nos seios, apertou-os e torceu-os. A dor era visível no rosto dela, mas ela não gritou.

Não podia gritar.

Ele puxou-lhe os mamilos e torceu-lhos até as lágrimas dela escorrerem pelas faces, até a sua pele branca ficar marcada pelas pisaduras. Ele bateu-lhe, fazendo-a cair de costas sobre a cama. O sangue escorria-lhe pelo canto da boca, mas ela limitava-se a olhar.

Com um trejeito do pulso, ele estava despido e o seu pênis completamente ereto. O órgão parecia brilhar, mas não com luz; com escuridão. Eamon sentia que seria como o gelo: frio, cortante, horrível. E foi com isso que ele penetrou violentamente a mulher, como se fosse uma lança, enquanto as

lágrimas dela lhe deslizavam pelas faces e o sangue corria em fio da boca.

Um forte sentimento de revolta explodiu dentro de Eamon — uma fúria violenta e inata — ao ver a mulher ser assim tratada. Quase atravessou aquele fogo, aquele fumo, mas Brannaugh agarrou-lhe com força na mão.

E enquanto Cabhan a violava — pois era isso que acontecia —, Eamon sentiu os seus pensamentos. Pensava em Sorcha e no terrível desejo por ela que ele nunca apagara. Pensava em... Brannaugh. Como lhe faria o mesmo e mais ainda. E pior. Como lhe causaria dor antes de tomar o seu poder. Como lhe tomaria o poder, antes de lhe tirar a vida.

Brannaugh apagou rapidamente o fogo, acabando com a visão num instante. E, com a mesma rapidez, agarrou Eamon pelos dois braços. — Eu disse que não estávamos preparados. Pensas que eu não percebi que te estavas a preparar para ir?

— Ele estava a magoá-la. Tomou-lhe o poder e o corpo, contra a vontade dela.

— Ele quase te descobriu; sentiu que algo tentava intrometer-se.

— Era capaz de o matar apenas pelos seus pensamentos. Ele nunca te tocará, como fez com ela.

— Ele queria fazer-lhe mal. — A voz de Teagan era agora a de uma menina. — Mas estava a pensar na nossa mãe, não nela. Depois pensou em ti.

— Os pensamentos dele não podem fazer-me mal. — Mas haviam-na abalado profundamente. — Ele nunca me fará, nem a ti, o que fez àquela pobre mulher.

— Podíamos tê-la ajudado?

— Ah, Teagan... não sei.

— Não tentámos! — disse Eamon com brusquidão. — Tu seguraste-me aqui!

— Pela tua vida, pela nossa, pelo nosso objetivo. Pensas que não sinto o que sentes? — Até o seu medo secreto foi afogado pela gélida onda de raiva. — Que foi como se tivesse levado mil punhaladas por não ter feito nada? Ele tem poder. Não o que tinha, mas diferente. Não maior, mas menor e diferente. Não sei como combatê-lo. Ainda. Não sabemos, Eamon, e temos de descobrir.

— Ele vem aí. Não esta noite, não amanhã, mas virá. Ele sabe que tu... — Eamon ruborizou outra vez e desviou o olhar.

— Ele sabe que posso gerar filhos — concluiu Brannaugh. — Ele quer um filho meu. Nunca o terá. Mas ele vem aí. Também o senti.

— Então temos de partir. — Teagan encostou a cabeça ao dorso de *Kathel*. — Não podemos atraí-lo para cá.

— Temos de ir — concordou Brannaugh. — Temos de ser o que somos.

— Para onde iremos?

— Para sul. — Brannaugh olhou para Eamon em busca de confirmação.

— Sim, para sul, já que ele ainda está no Norte. Ele permanece em Mayo.

— Encontraremos um lugar e nesse lugar aprenderemos mais, descobriremos mais. E, um dia, regressaremos a casa.

Brannaugh levantou-se, segurou novamente nas mãos dos irmãos e deixou o seu poder cintilar entre todos. — Juro, pelo nosso sangue, que regressaremos a casa.

— Juro, pelo nosso sangue, — disse Eamon, — que nós, ou os nossos descendentes, destruiremos até a lembrança dele.

— Juro, pelo nosso sangue, — disse Teagan, — que somos os três e sempre seremos.

— Agora fechamos o círculo, mas nunca mais encerraremos o que somos, o que temos, o que nos foi dado. — Brannaugh soltou-lhes as mãos. — Partimos amanhã.